

Daniel Gustav Cramer Fourteen Works**Inauguração: 4 Maio, 22 h**

5 Maio – 24 Junho 2017

Terça a Sexta: 14 –19 h

Sábado: 10 –13h, 14 –19 h

“Cada momento, na medida em que é uma passagem de repouso em repouso, é absolutamente indivisível”.

Henri Bergson, *Matéria e Memória*, 1896

Para sua quarta exposição na Galeria Vera Cortês (a primeira no novo espaço aberto no Outono), Daniel Gustav Cramer (1975, Neuss, Alemanha) reúne um grupo de obras que dialogam entre si através de simples ideias e entrelaçamentos que se encontram principalmente nas associações possíveis como resultado da experiência do espaço e da exposição. Algumas das obras são quase invisíveis dentro da sua existência física; um resultado quer da recorrente presença evanescente, quer da própria materialidade das peças, em última análise ambas aludindo a uma íntima narrativa da exposição. *Rainbow* é disso um exemplo notável, ainda que subtil – a aplicação de nove camadas de tinta de diferentes cores sobre uma parede do espaço expositivo e numa ordem definida pelo artista, em que o branco é a última cor do conjunto, deixa antever lateralmente apenas os vestígios das camadas anteriores, revelando a presença rarefeita do arco-íris.

Cramer, cujas obras muitas vezes sugerem uma percepção subjetiva do mundo que nos rodeia, traz para esta exposição uma combinação de pensamentos representados através de uma variedade de suportes - desde os seus livros de artista a instalações *site-specific*, como *Empty Room*, onde durante todo o período da exposição, a sala de uma casa algures no interior de Portugal é mantida completamente vazia, avocando uma reflexão sobre as questões da presença, da ausência e o inconsciente coletivo humano.

Landscapes é um grupo de prateleiras em caixa, simples e brancas, com onze livros, cada um com um curto texto que descreve uma cena, uma paisagem num lugar específico, com sua flora específica, formações rochosas e condições climáticas presentes numa determinada época do ano. Cada livro constrói um ato, como um palco, mas sem qualquer ação. Cada texto começa na primeira página e termina logo depois. O resto do livro permanece vazio - um futuro que nunca aconteceu ou uma infinidade de possibilidades à frente. Como na maioria das obras de Daniel, as ideias são subtis e nunca fechadas em si mesmas, estão abertas a diferentes suposições.

Estes trabalhos, como outros na exposição como *Calendar* ou *Early Morning at Lago di Carezza*, sugerem a inquietação do artista com o tempo e sua passagem; a sua obsessão com a memória e como as memórias são construídas. Mas principalmente, o seu fascínio com a relação entre tempo e memória, porque o que sempre cai fora da memória é o tempo - o tempo decorrido da lembrança.

Conversation 1, 2017 é um ponto central na exposição, um papel entre duas folhas de vidro na parede. A conversa é entre duas pessoas. Quem? Não sabemos – auto-retrato, ou mesmo desprendimento forçado. Trata-se de medo, de perda, de amor, de vida; Os trabalhos de Cramer são assim, começam a partir de experiências singulares, mas deslocam-se para uma universalidade de múltiplas interpretações que incluem fragmentos de história cultural e uma sobreposição de factos e ficção.

Finalmente, *Untitled (Mare) III* é uma fotografia tirada de uma página do primeiro Atlas dos Oceanos, o *Dell'Arcano del Mare*, um livro impresso em Gênova, em 1645. O livro, publicado numa pequena edição de que apenas três cópias sobreviveram, representa mapas do oceano, vários dos quais não retratam nada, além de água. Os detalhes do mapa fotografado, linhas verticais e horizontais, é o que primeiro chama a atenção na sua quietude e a brandura - como aliás acontece com a maioria das obras apresentadas na exposição- mas é a infinidade do mar, das ideias, do gesto e das camadas de pensamento por detrás das obras de Daniel Gustav Cramer, que vive e supera qualquer expectativa imediata.

Luiza Teixeira de Freitas
Maio 2017

Para mais informações p.f. contactar
Laura Pastor: lp@veracortes.com

Daniel Gustav Cramer Fourteen Works**Opening: 4 May, 10 pm**

5 May – 24 June 2017

Tuesday to Friday: 2–7 pm

Saturday: 10 am – 1 pm, 2–7 pm

“Every moment, inasmuch as it is a passage from rest to rest, is absolutely indivisible.”

Henri Bergson, *Matter and Memory*, 1896

For his fourth exhibition at Galeria Vera Cortês (the first in the new space which opened last Fall), Daniel Gustav Cramer (1975, Neuss, Germany), brings together a group of works that are in dialogue with each other through the simple intertwining of ideas and that meet mostly in associations that are made by whomever enters the space and experiences the exhibition. Some of the works are almost invisible within their physical existence; this happens both by their waning presence, on the one hand, and the materiality they carry, on the other, ultimately alluding to an intimate narrative of the exhibition. *Rainbow* is a striking yet subtle example of this - an application of nine layers of paint of different colours onto a wall of the exhibition space in an order defined by the artist, the last colour of the set being white. The only traces unveiled of these coloured coatings subtly emerge on the sides of the wall.

Cramer, whose works often suggest a subjective perception of the world surrounding us, brings to this exhibition a combination of thoughts represented through a variety of media – from his intimate artist books to site-specific installations such as *Empty Room*, where for the duration of the exhibition, a room in a house somewhere in the countryside of Portugal is kept completely empty, making one reflect on ideas of presence, absence and the human collective unconscious.

Landscapes is a group of white simple box shelves holding eleven books, each one carrying a short text that describes a scene, a landscape in a specific place, with its specific plants, rock formations and weather conditions present at a certain time of year. Each book builds up an act, like a stage but without any action. Each text starts on the first page and ends soon after, the rest of the book remains empty – a future that never happened or a multitude of possibilities ahead. As in most of Daniel's works, ideas are subtle and never closed in themselves, they are open to different suppositions.

These works, like others in the exhibition, such as *Calendar* or *Early Morning at Lago di Carezza*, suggest the artist's uneasiness with time and its passage; his obsession with memory and how memories are built. But mostly, his allure with the relationship between time and memory, because what always falls out of memory is time – time elapses from remembrance.

Conversation 1, 2017 is a centre point in the exhibition, a paper held between two sheets of glass on the wall. The conversation is between two people. Who? We don't know – self-portrayal or even forced detachment. It is about fear, loss, about love, about life; Cramer's works are just like this, they start from singular experiences and draw to a universality of multiple interpretations that include fragments of cultural history and an overlapping of facts and fiction.

Finally, *Untitled (Mare) III* is a photograph taken from a page of the first Atlas of the Oceans, the *Dell'Arcano del Mare*, a book printed in 1645, in Genova. The book, which came out in a small edition of which three copies have survived, represents maps of the ocean, several of which depict nothing but water. The details of the photographed map, vertical and horizontal lines, is what first draws attention in its stillness and blandness – as with most works presented in the show –, but it is the infinitude of the sea, of the ideas, of the gesture and the layers of thought behind the works of Daniel Gustav Cramer that lives on and surpasses any immediate expectation.

Luiza Teixeira de Freitas
May 2017

For more information, please contact
Laura Pastor: lp@veracortes.com